



Construindo capital universitário: Uma análise do padrão de carreira de docentes negras na UFABC

Building university capital: An analysis of the career pattern of black female faculty at UFABC

*Lidiane Soares Rodrigues¹
Priscila Araújo Cardoso dos Santos²*

RESUMO

O presente trabalho trata da presença de negros na docência do ensino superior no Brasil. Particularmente, caracteriza o padrão de carreira de mulheres negras docentes do quadro efetivo da Universidade Federal do ABC, a partir da contribuição teórica de Pierre Bourdieu e pesquisadores das relações étnico-raciais.

PALAVRAS CHAVE: Capital Cultural. Universidade. Mulheres Negras.

ABSTRACT

This paper analyzes the presence of black people in higher education teaching in Brazil, observing the educational trajectories and career patterns of black women who are permanent teachers at the Federal University of ABC, based on the theoretical contributions of Pierre Bourdieu and researchers on ethnic-racial relations.

KEYWORDS: Cultural Capital. Black Teachers. Black Women.

RESUMEN

Este artículo aborda la presencia de personas negras en la docencia de la educación superior en Brasil. En particular, caracteriza la trayectoria de las profesoras negras del cuerpo permanente de la Universidad Federal del ABC, a partir de aporte teórico de Pierre Bourdieu y investigadores de las relaciones étnico-raciales.

PALABRAS CLAVE: Capital Cultural. Universidad. Mujeres Negras.

¹ Mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS) na Universidade Federal do ABC (UFABC).

² Jornalista, mestrandona pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS) da Universidade Federal do ABC (UFABC).

Introdução

O Brasil é um país onde os direitos da classe trabalhadora sofrem sistemáticos ataques que os empurra para um calabouço de informalidade, com baixas remunerações, péssimas condições de trabalho e ausência de segurança social, e ainda onde as perspectivas de estudo da maioria da população são limitadas e até mesmo condicionadas aos interesses de mercado. Por isso, é compreensível que profissões que ofereçam carreiras com estabilidade, segurança e salários acima da média, e que tenham como requisito ampla formação acadêmica, sejam consideradas de prestígio. Os professores universitários, entre outras profissões, se encaixam entre esses trabalhadores privilegiados, principalmente os que exercem docência em instituição pública.

Dados do Censo da Educação Superior (Brasil, 2022) dão um panorama sobre o número de profissionais que ocupam tal função, ao apontar que existem 173.637 docentes lecionando em universidades públicas por todo o país, e 152.549 que atuam nas instituições privadas, totalizando 362.115. O levantamento aponta que homens brancos são a maioria entre os profissionais que ocupam o cargo de docentes universitários no Brasil, pois 55,8% são brancos, seguidos de 18,4% de profissionais pretos e pardos, há ainda 0,2% de indígenas, 0,1% de amarelos e outros 24,6% que não declararam cor ou raça. Este trabalho se debruça sobre a existência de mulheres negras ocupando a posição de docentes, pois chama a atenção o fato de que, embora essas agentes componham extrato social em desvantagem econômica, social e educativa, algumas alcançam posição profissional majoritariamente ocupada por indivíduos oriundos de extratos sociais privilegiado.

Almejar uma posição como docente em uma universidade é uma realidade de difícil alcance, pois para estar apto ao exercício dessa profissão é necessário um tempo de formação médio de uma década de intensa dedicação aos estudos. De acordo com Bourdieu (1979) o indivíduo que assume o compromisso de forjar-se de acordo com as exigências da profissão precisa, na maioria das vezes, colocar seu tempo integralmente à disposição dos estudos, o que significa envolver o recurso tempo de outras pessoas, principalmente familiares pois o ou a estudante precisa ser liberado da responsabilidade de aquisição de capital econômico (1979) além de retirar-se das demandas que permeiam a economia do cuidado, caso em que as mulheres, principalmente as negras, são as principais operadoras desse tipo de trabalho, seja ele remunerado ou não, mas na maioria das vezes acumulando ambas as condições. Um levantamento realizado pelo IBGE e divulgado em 2022, aponta que as mulheres negras investiram em média 22 horas semanais em atividades de cuidados de pessoas e afazeres domésticos. No mesmo período, quando combinadas as horas de afazeres domésticos e cuidados com as pessoas com as horas de trabalho remunerado, a dedicação delas ocupa 54,3 horas semanais.

Outra análise necessária para esta abordagem reside no fato de ser o próprio campo acadêmico, também analisado por Bourdieu, espaço de disputas simbólicas no qual se posicionam diferentes agentes apropriados de diferentes capitais e que também ambicionam legitimidade, prestígio e poder (2013). As agentes aqui analisadas estão em posição de desvantagem nessa disputa, pois fazem parte de segmento populacional que compõe a base da pirâmide social brasileira, tal como analisa Santos e Carneiro (2024), posição adquirida através de processos históricos de exploração, exclusão e desumanização.

Mesmo com as Políticas de Ação Afirmativa, ainda ocupam posição de desvantagem, o que se confirma ao analisar dados sobre as trajetórias educativas apresentados pelo Observatório da Branquitude em parceria com o Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais (Cedra), com dados do Censo de 2020, que aponta que a taxa de analfabetismo entre a população negra com 15 anos ou mais era 18,7 %, enquanto que entre brancos com o mesmo perfil era de 7,8%. Considerando o recorte de gênero, 5,8% das mulheres brancas se declararam não alfabetizadas, enquanto que a declaração foi constatada em 18,3% delas. A desigualdade se mantém conforme o avanço na escolaridade, entre as que concluíram o ensino médio 66,7% são brancas, enquanto 48% são negras. Já entre as que concluíram o ensino superior na idade entre 25 e 29 anos, 23,4% são brancas, enquanto 7,8% negras.

Mas ainda existe uma parcela considerável, ainda que em menor número, que alcança tal posição. Este fato mobiliza o interesse da pesquisa que origina este artigo. Trata-se do padrão de carreira de sete docentes negras que fazem parte do quadro de profissionais concursado da Universidade Federal do ABC, com base em informações disponibilizadas em seus currículos Lattes. Pretende-se compreender como as mulheres negras articulam suas formações acadêmicas com os pré-requisitos necessários para o cargo de docente em uma universidade, e as estratégias desenvolvidas para alcançar a prestigiada posição.

Para isso, pretende-se observar alguns critérios que configure um padrão de análise baseado em elementos como: tempo entre a conclusão da graduação e a obtenção de títulos de mestrado e doutorado, acesso a recursos como bolsas de permanência ou de pesquisa, tempo entre o ingresso na graduação e o início da carreira na Universidade Federal do ABC, experiências no exterior, proficiência em idiomas, presença em cargos de liderança, submissão de artigos e apresentação em trabalhos acadêmicos e participação em bancas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou de defesa e qualificação de mestrado e doutorado. Considera-se que a partir desses aspectos será possível estabelecer um padrão de análise que permita buscar uma compreensão das estratégias presentes nas trajetórias formativas das profissionais e qual o impacto delas na construção de capital universitário.

Redução das vagas e cotas docentes

A implementação da lei de cotas para o magistério federal (12.990/14) se deu em um momento em que já acontecia um acentuado declínio na contratação de docentes, conforme Santos, Gomes, Silva e Barrosa (2021). De acordo com os autores de 2009 a 2014, as 48 universidades federais contrataram 30.404 docentes, de 2014 até 2019 foram realizadas 19.145 contratações, e após 2015 outros 16.744 profissionais foram contratados. A redução das contratações ocorre em um contexto em que o Brasil passa por uma significativa retirada de recursos públicos do ensino superior, orientada pela política austera de teto de gastos, em vigor a partir de 2016, que cortou recursos destinados à diversos setores públicos como saúde e educação, tendo impacto direto sobre as universidades.

De acordo com um levantamento realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da instituição (Neab-UFABC) junto a Superintendência de Gestão de Pessoas (SuGePe), em 2025 a universidade dispõe de 753 profissionais que fazem parte do quadro de docentes concursados. Desse total, entre homens e mulheres, 613 são brancos, 74 são pardos, 20 pretos, 45 amarelos e 1 indígena. Um recorte de gênero demonstra que do total de profissionais brancos 406 são homens e 207 são mulheres. Entre os pardos, 58 homens e 16 mulheres, 12 pretos e 8 pretas, além de 30 homens amarelos e 15 amarelas, a única representação indígena é masculina.

A Universidade Federal do ABC foi criada em um contexto de reivindicação por parte de grupos sociais historicamente excluídos, no qual se destaca o movimento negro que se consolida na disputa social por condições de mobilidade, ascensão e controle de diferentes tipos de capitais através do engajamento de seus agentes, que ambicionaram espaços como a política, a cultura e a própria produção científica, conforme Rios (2014).

Portanto, a criação da UFABC, assim como de outras universidades criadas ou expandidas durante o segundo governo Lula, em que Fernando Haddad era ministro da educação, buscava responder a demandas sociais pela ampliação do acesso ao ensino superior, sobretudo para extratos da população mais excluídos, dessa forma nota-se que a instituição surge comprometida com posição objetiva em uma rede de laços materiais e simbólicos, portanto possui um código de conduta a ser desempenhado.

No entanto, sendo esta uma universidade, instituição que ainda é permeada das relações de poder inerentes ao campo acadêmico, pois inserida nessa lógica, a mesma ainda se constitui espaço onde são privilegiadas pessoas brancas, sobretudo homens, identidades que historicamente compõe os extratos dominantes, haja vista que a maioria dos docentes, incluindo os que ocupam cargos de liderança (reitores, pró-reitores, etc) são homens brancos. Sendo espaço de produção e reprodução social, e tendo sido criada com o objetivo de atender a uma demanda vinda dos extratos sociais em desvantagem, a instituição tornou-se objeto de disputa social, o que se percebe quando esta é adepta das leis de cotas (discente e docente), mas desempenha com mais facilidade o cumprimento da reserva para as vagas de menor prestígio, ou seja, a de estudantes, conveniente ao seu declarado compromisso de proporcionar formação de qualidade voltada para o mercado de trabalho.

Enquanto que a reserva de vagas para docentes determinada pela Lei 12.990/14 esbarra em dificuldades cuja governabilidade é prerrogativa dos quadros que ocupam posições de liderança.

De acordo com Santos, Gomes, Silva e Barros, a Lei de Cotas para docentes tem sido manipulada por agentes que operacionalizam as burocracias especializadas, os reitores. Estes têm total liberdade para administrar a forma como serão conduzidos os concursos e a distribuição dos aprovados.

Antes de iniciar a descrição da análise dos currículos das docentes é necessário ressaltar que os dados apresentados sobre o corpo docente da UFABC preservam a identidade dos e das profissionais, portanto não é possível identificar aqueles que declararam pardos e pardas, ou pretos e pretas. Diante disso, convencionou-se realizar uma delimitação segura de docentes negras, a partir da seleção de uma amostra confiável, como sugerem Andrade, Pessoa, Miranda e Oliveira (2024), entre aquelas que são reconhecidas socialmente como tal, chegando a uma amostra de 7 profissionais. Por questões éticas, as identidades serão preservadas, além disso para esta análise tal exposição não se faz necessária.

O estudo realizado por Pierre Bourdieu sobre o campo acadêmico é referencial teórico central para esta análise, mas outros conceitos forjados pelo sociólogo são mobilizados com a finalidade de posicionar as mulheres negras docentes e categorias de análise que se relacione com a análise do campo acadêmico e as estratégias desenvolvidas por elas para se movimentarem neste espaço de poder.

O que dizem os currículos lattes

Ao analisar os currículos das docentes selecionadas a primeira coisa que se observa é que todas ingressaram na graduação em universidades públicas. A maior parte delas localizadas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas também há casos em que a graduação foi realizada em uma universidade federal na região nordeste. Embora existissem iniciativas de cotas raciais em universidades desde 2004, ou seja, antes da lei, não é possível afirmar que as então estudantes tenham ingressado no ensino superior acessando tal medida. Há inclusive casos em que a graduação teve início nesse período, portanto, é possível afirmar que essas profissionais tenham desde o início de suas formações se comprometido com a realização de uma experiência de qualidade e prestígio.

A graduação é apenas o início da vida acadêmica e muitos são os desafios enfrentados no percurso até a chegada nas próximas etapas. A opção por cursar uma universidade de prestígio pode ser muitas vezes frustrada, por isso incentivos são muitas vezes necessários. Os documentos não apontam situações ou pessoas que foram incentivadoras para que essas mulheres seguissem adiante, mas aponta um fator fundamental: 5 entre as 7 analisadas obtiveram recursos financeiros específicos para a graduação, algumas com

bolsas de Iniciação Científica, outras com auxílio permanência. O usufruto de bolsa de pesquisa é fator presente ao longo da formação acadêmica de quase todas. Há casos em que o acesso ao recurso ocorreu na graduação e no mestrado, outros em que ocorreu somente no doutorado, mas somente duas delas acessaram recursos em todas as modalidades de formação, ou seja, na graduação, mestrado e doutorado. Apesar disso, não é possível identificar padrão que indique como as bolsas tiveram impacto em suas formações, pois enquanto uma, da área das ciências biológicas, realizou sua formação de forma sequencial, seguida de pós-doutorado até o ingresso como docente na UFABC, contabilizando 14 anos entre o ingresso na graduação e posição de docente efetiva, a outra profissional, da área de ciências humanas, teve intervalo de 3 anos entre a graduação e o mestrado e outros 3 entre a defesa do doutorado e o ingresso na universidade. Entre o ingresso na graduação e a posição de docente efetiva levou 16 anos. Entre todos os currículos analisados nota-se que a profissional que levou menos tempo entre o ingresso na graduação e posição de docente na UFABC o fez em 12 anos, já a que levou mais tempo levou 21 anos.

Outro fator que chama a atenção é que o percurso ininterrupto da formação, ou seja, onde não houve intervalo de tempo considerável entre a graduação, mestrado e doutorado, é constatado em apenas um caso, no qual a ocorrência de recursos de incentivo se deu nos 3 níveis de formação. A profissional foge ao padrão formativo da maioria também pelo fato de ser a única da área de ciências biológicas. Nos demais casos o intervalo mínimo entre as titulações foi de no mínimo 2 anos, chegando a até 9 anos, caso da profissional que acumula duas graduações.

Na maioria dos casos a dedicação a graduação e pós-graduação também ocorreu acompanhada de uma série de formações complementares, em especificidades relacionadas a suas áreas de estudo. Mas haviam exceções indicando a experimentação de outras abordagens, destacam-se também formações para proficiência em idioma estrangeiro. A formação em língua estrangeira se destaca nos currículos, sobretudo considerando as experiências internacionais das docentes, 4 delas estiveram no exterior, todas realizando doutorado com modalidade sanduíche nos Estados Unidos, Inglaterra, México e Portugal, mas as sete informam graus de proficiência em Inglês e Espanhol, que vão desde ler, escrever e compreender razoavelmente, duas acrescentam o mesmo desempenho em francês, uma indica o alemão e outra, especialista em Educação Inclusiva, indica também proficiência em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

As experiências de trabalho aparecem quase sempre ligadas a trajetória de formação, sobretudo no caso daquelas que foram contempladas com bolsas de pesquisa, para as quais o estágio docência é uma contrapartida. No entanto em dois casos houve início de carreira lecionando na rede pública de educação básica, ambos chegando até a ocupar cargo de gestão escolar. Nessas experiências as formações complementares também aconteciam voltadas para a docência, mas possivelmente foram aproximando as profissionais do ambiente universitário, onde acessavam algumas formações, e possivelmente

despertando interesses de pesquisas que fez com que estas retornassem ao mundo acadêmico como mestrandas e daí seguissem.

Houveram ainda outras experiências de trabalho fora da academia, sendo um na iniciativa privada, na área de comunicação, por curto período de tempo até a seleção para o mestrado e também outros dois em que as profissionais atuaram como consultora em gestões públicas e também em museus e entidades do terceiro setor e até instituições de alcance internacional, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Após acumular relevante experiência como mestrandas e doutorandas, pesquisadoras, trabalhadoras no serviço público, na iniciativa privada e no terceiro setor, com um vasto acúmulo de formações complementares e com experiências fora do país, essas mulheres reuniram repertório e capital cultural necessário para disputar espaço como docentes em uma universidade. Apesar disso, a defesa de suas teses de doutorado não se tornou passaporte automático para o ingresso no enquadramento funcional do corpo docente, ou seja, professoras concursadas. Para isso seria necessário aguardar um edital de seleção na qual elas tivessem a oportunidade de demonstrar, ou de colocar em disputa, todo o repertório e capital adquirido até o momento. Suas dissertações de doutorado foram defendidas entre os anos de 2014 e 2019. Embora algumas tenham ingressado como docente na Universidade Federal do ABC em 2020, a maioria leciona na referida universidade desde 2017.

Entre a defesa do doutorado e o ingresso como docente na UFABC algumas realizaram pós-doutorado e realizaram o concurso quase simultaneamente, outras defenderam o doutorado e na sequência ingressaram na UFABC, mas há também duas experiências com intervalo de 2 e 3 anos entre a conclusão do doutorado e o ingresso na UFABC, nesses casos as profissionais atuavam, lecionando em universidades públicas, assessorando órgão de expressão internacional ou atuando como assessora educacional em secretaria municipal de educação, mas ainda mantinham atividades intelectuais, submetendo artigos e apresentando trabalhos com temática relacionada aos seus respectivos interesses de trabalho.

Aqui observam-se estratégias diversas entre a conclusão do doutorado e o ingresso como docentes concursadas da Universidade Federal do ABC. Três concluíram o doutorado e ingressaram como docente no mesmo ano ou ano seguinte, possivelmente se preparavam para as provas de seleção do concurso enquanto preparavam a defesa das teses. Duas deram continuidade em suas formações realizando pós-doutorado, estratégia na qual se observa inclusive um movimento de proximidade com a UFABC. Duas delas exerciam atividades educativas dentro e fora da academia, e seguiam produzindo artigos e apresentando trabalhos em congressos, palestras e outros eventos, garantindo produtividade intelectual e se mantendo posicionadas dentro do campo, ainda que se desdobrassem em outras atividades.

Após o ingresso na Universidade Federal do ABC, as profissionais também se aproximaram de outras Instituições de Ensino Superior públicas, como a Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp) e até em Estados diferentes como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), o que demonstra a intensidade e intencionalidade de suas dedicações, pois já estando em posição segura, garantida por suas condições de concursadas na UFABC, elas ainda se movimentam dentro do campo acadêmico em diferentes universidades, se dedicando a projetos de pesquisa. Chama a atenção que as docentes das áreas de ciências biológicas e ciências químicas sejam as que passaram por um maior número de universidades na condição de pesquisadoras. A profissional da área das ciências biológicas obteve bolsa desde a graduação, já a das ciências químicas, embora tenha obtido bolsa apenas no doutorado, pulou a etapa do mestrado e acumula experiência em três universidades estrangeiras, Wayne State University, W.S.U, Estados Unidos, University of Nottingham, Nottingham, Inglaterra e, atualmente como pós doutoranda, Université de Liège, ULG, Bélgica.

A presença dessas profissionais em diferentes espaços do campo acadêmico como pesquisa, docência e também como revisoras de periódicos indica aquilo que Boltanski (1973) chama de multiposicionalidade, que se trata das diversas posições ocupadas por sujeitos que possuem algum capital específico, ou vários capitais, o que contribui para o fortalecimento de sua posição e, portanto, de seu capital. Nesse sentido destaca-se ainda a presença delas em espaços de liderança, seja na gestão da própria universidade, como pró reitorias, coordenação de programas de graduação e pós-graduação, até núcleos com certo viés militante, como o Núcleo de Estudos Africanos e Afro Brasileiro (Neab). Nos documentos analisados não há espaço para a citação de envolvimento e movimentos sociais externos ao mundo universitário, mas as temáticas abordadas pelas profissionais em suas pesquisas, como moradia popular, ações afirmativas, educação inclusiva, cultura negra, sugerem engajamento com pautas de temáticas relevantes para movimentos sociais, o que indica que suas vivências acadêmicas podem ser acompanhadas de militância social. Também Bourdieu (1992) indica que para conquistar e manter o capital universitário é necessário ocupar posições que sejam referenciais hierárquicos na dinâmica de reprodução do próprio corpo universitário (1992), o que se observa na trajetória dessas mulheres durante seus processos formativos, mas também após a conquista de suas posições enquanto docentes efetivas, pois continuam mantendo suas produções acadêmicas, como artigos e resumos expandidos, e apresentando em seminários, congressos, além da presença em bancas de defesa de mestrado e doutorado, onde as docentes da área de ciências humanas aparecem como as que mais estiveram presentes, com participação em até 20 qualificações e 26 defesas de mestrado, 8 qualificações e 12 defesas de doutorado, além de 16 bancas de Trabalho de Conclusão de Curso. A docente da área de ciências biológicas participou de 3 bancas de defesa de doutorado, 7 de mestrado, e 9 de Trabalho de Conclusão de Curso. A profissional das ciências químicas

esteve presente em 4 bancas de defesa e 3 de qualificação de mestrado, 1 banca de defesa de doutorado e 12 bancas de Trabalho de Conclusão de Curso.

A presença nas bancas de defesa e qualificação de mestrado, doutorado e TCC, além da produção de artigos e apresentação de trabalhos, podem ser observadas como estratégia para manter e ampliar capital universitário, pois além da conquista dos títulos, é necessário fazer com que tal patrimônio transite pelo campo acadêmico, movimento para o qual se faz necessário a ocupação de posições, afim de que se possa dessa forma ocupar espaço de influência sobre outros ocupantes, ou seja, tornar-se agente de produção e reprodução social a partir do campo acadêmico tal como sugere Bourdieu (1992).

Primeiramente é necessário observar que em suas trajetórias as agentes se mobilizam e buscam se posicionar em um campo historicamente eurocentrado, onde indivíduos brancos e pertencentes ao sexo masculino reúnem maiores vantagens simbólicas. Ao ingressar e disputar esse espaço construído socialmente para privilegiar essas identidades, mulheres negras estão entre os indivíduos que enfrentam violência simbólica, pois não carregam o mesmo capital simbólico daqueles em condição de vantagem, ou seja, que internalizaram um conjunto de disposições sociais construído de forma a posicioná-los em vantagem.

A partir disso é possível observar a necessidade de realizar o exercício sociológico proposto por Bourdieu (2010) de ruptura epistemológica, haja visto que o repertório acadêmico valorizado no campo disputado foi construído com base em referencial eurocentrado e historicamente ocupado por indivíduos que correspondem a esses padrões identitários. Tal ruptura tem impactado a estrutura epistêmica da própria academia, o que se observa no amplo número de produções acadêmicas como trabalho de Iniciação Científica, artigos, pesquisas de mestrado e doutorado a partir de 2012, ano da promulgação da lei de cotas para a graduação, conforme destacam Barreto, Rios, Neves e Santos (2021).

Tendo iniciado suas trajetórias em período em que as desvantagens sociais eram ainda maiores, percebe-se que essas mulheres têm se dedicado ao exercício paciente e incessante de acumular repertório formativo por meio de diversas formações complementares, muitas das quais inclusive com caráter preparatório para processos seletivos de cursos de pós-graduação, como a proficiência em língua estrangeira, indicando que poderiam ter no horizonte a perspectiva de considerar uma possível carreira acadêmica. É verdade que tanto a graduação, como o mestrado e o doutorado exigem do e da estudante a realização de uma certa quantidade de horas de atividades complementares, o que também pode ser visto como uma condição usada por essas profissionais quando ainda estavam em seus processos formativos para demonstrar a dedicação na ampliação de repertório, contribuindo dessa forma para fortalecimento do capital universitário.

Essas mulheres, em alguns casos, se desdobraram entre a experiência de ser estudante e assim adquirir repertório e capital cultural, com a experiência

de serem trabalhadoras, atuando como professoras da educação básica, assessoras em museus e entidades ligadas ao terceiro setor, além do exercício na iniciativa privada, o que indica que o compromisso com as formações não as abonou da necessidade de acessar capital econômico. Mesmo para aquelas que foram contempladas com bolsas de pesquisa, o que em muitos casos não ocorreu em toda a trajetória acadêmica, as experiências de trabalho, mesmo o relacionado às suas formações ou ao exercício da docência, ainda se fizeram presentes.

A multiplicidade de posições, observada por Boltanki (1973), que na classe dominante se dá pela ocupação de posições privilegiadas, encontra na classe dominada a multiplicidade de posições que se ocupa pelo impulso de mobilidade e ascensão social. Para aplicar o conceito de multiposicionalidade às agentes pertencentes à classe dominada é necessário fazer uma mobilização da própria metodologia proposta por Boltanski. As múltiplas posições são ocupadas por indivíduos da classe dirigente com o objetivo de ampliar a sua governabilidade, também dessa forma ocorre quando se trata da mobilidade operacionalizada pela classe dirigida, isso porque o repertório adquirido por meio de experiências de trabalho em muitos casos é manipulado por elas em seus interesses de pesquisa, o que significa dizer que ainda que não acumulem posições de poder, acumulam posições de trabalho, ou seja, repertório em que as experiências acumuladas são mobilizadas e manipuladas de forma a contribuir para suas pesquisas. Exemplo disso é que algumas das docentes trabalharam como consultoras em museus, entidades do terceiro setor ligadas à pesquisa em história e lecionam na disciplina de história, há ainda situação em que a profissional chegou a exercer cargo de gestão em rede pública de educação e depois dentro da universidade.

A análise também permite observar que elas buscam acumular posições, além das próprias produções. A maioria informa em suas experiências profissionais a passagem por diversas universidades, em alguns casos oportunizadas por sua condição de bolsistas, o que é verificado na descrição dos cargos ocupados. Informam serem docentes de programas de graduação e pós-graduação na UFABC e também colaboradoras em outras universidades. Informam também os núcleos de estudos que fazem parte e, não menos importante, as premiações e homenagens recebidas, os cargos de direção que ocupam ou já ocuparam tanto na própria universidade ou em núcleos de caráter militante, como o Núcleo de Estudos Afro Brasileiros (NEAB) e também de extensão universitária, como a Escola Preparatória para a Pós-Graduação (Pós-Graduar).

Por outro lado, a UFABC também seleciona títulos e privilégios de agentes de acordo com a imagem que buscam dar de si, como analisado por Boltanski (1973). Ainda que a mobilidade social seja objetivada, é perceptível que essas mulheres buscam acumular posições de reconhecido prestígio no campo acadêmico. Buscam não apenas ocupar posições nas quais sejam boas operadoras da tarefa de reprodução, mas também orientadoras dos rumos da reprodução, querem impactar o próprio conteúdo da reprodução social, exercer governabilidade, por outro lado a instituição em que estão inseridas

também tem o ensejo de ser espaço onde essas identidades impactam a reprodução social.

Outro aspecto analisado refere-se as pesquisas produzidas pelas docentes, sobretudo as que atuam no campo das ciências humanas. Tanto quanto mestrandas e doutorandas, como na própria posição ocupada, observa-se uma movimentação no sentido de construir uma geração de intelectuais, acadêmicos, formadores de opinião, docentes ou não, devidamente instrumentalizados de epistemologias voltadas para o objeto de estudo de suas carreiras, o que se observa nas teses defendidas, nas orientações de mestrado e doutorado e nos projetos de pesquisa e extensão que participam. Dessa forma, toma corpo o desempenho de seus papéis enquanto agentes da produção e reprodução social, ainda que por procuração, dialogando com as necessidades externas e na defesa e construção ativa de pautas epistêmicas.

Necessário observar que a largada inicial da vida acadêmica da maioria dessas mulheres ocorre no início dos anos 2000, período em que o país passa por uma intensa mudança de direção na forma como lida com as questões raciais, o que, segundo Campos (2024) refletiu diretamente na produção acadêmica do período, tendo sido também resultado de uma articulação entre movimento negro, gestores estatais, organismo internacionais e a própria academia. Dessa forma, observa-se que suas predisposições aos estudos foram potencializadas por condições sociais que construíam as condições necessárias para viabilizar suas presenças na universidade na condição de discentes. Nota-se ainda que o avanço da pauta racial no centro das pesquisas acadêmicas também contribuiu para o desenvolvimento de suas pesquisas, sobretudo na área de humanidades, onde a maioria delas está situada.

Embora seja uma minoria na amostra das docentes analisadas (apenas duas), há ainda análises sobre a produção acadêmica de profissionais que não atuam na área de humanidades, situação na qual encontra-se uma pesquisa onde a solução para conectar seu trabalho na área de ciências biológicas com as referências produzidas nas ciências humanas deu-se pela escolha do nome que deu título a sua descoberta, que faz referência à intelectuais negras.

Demonstração de influência das demandas externas de reprodução, haja vista que a maioria das mulheres negras, assim como a maioria das mulheres não negras e aos homens negros que pertencem ao meio universitário e que se posicionam no polo dominado do campo, atuam na área das ciências humanas. Batizar uma recém descoberta da biologia com um nome que faz referência à intelectuais da área das ciências humanas é uma demonstração de como as demandas externas de reprodução influenciam mesmo as áreas onde há maior autonomia por parte dos agentes, como refletido por Bourdieu em *Homo Academicus* (1992).

Conclusão

Embora a posição de docente no ensino superior possibilite acesso à condições de trabalho bastante atraente que vão desde segurança e estabilidade até remuneração confortável, as profissionais analisadas demonstram que seus interesses em ocupar tal posição estão também ligadas ao prestígio, legitimidade e poder inerentes ao cargo, haja visto que enfrentam condições adversas para as identidades que representam e atuam de maneira estratégica na construção de suas trajetórias, o que também se reflete nas suas produções acadêmicas. Além disso, a grande mobilização delas para apresentar suas produções em seminários, congressos e demais eventos acadêmicos indica que buscam ampliação e consolidação como referência nas áreas em que atuam.

A análise dos currículos permite observar ainda que o início de suas trajetórias, ou seja, o ingresso na graduação, se deu em um período em que não havia lei de cotas no Brasil, o que indica que não acessaram o recurso. No entanto como esta não é uma informação disponível nas plataformas analisadas, não é possível saber se houve acesso à alguma iniciativa do tipo viabilizada pelas universidades em que se graduaram. De todo modo, o fato de não haver uma lei que viabilizasse a política de cotas em território nacional aponta para um contexto em que havia crise na discussão da medida, com justificativas contrárias que argumentavam que a medida teria impacto sobre a qualidade da educação, ou ainda que a vaga em uma universidade deveria ser conquistada por mérito, corroborando com a ideia bourdiesiana de que no campo acadêmico as identidades privilegiadas são as eurocentradas, o que por sua vez indica que essas mulheres passaram, enfrentaram e resistiram a processos de violência simbólica, promovendo rupturas epistêmicas e colaborando para a construção de novos saberes.

Desde o ingresso na graduação até o início da atividade docente na UFABC as profissionais levaram entre 12 e 21 anos, sendo que a profissional que levou mais tempo já possui experiência no quadro efetivo de outras universidades.

Embora uma parte delas tenha seguido um fluxo sequencial na obtenção dos títulos e ingresso como docente na UFABC, ainda existem as que fizeram intervalos de 2 e 3 anos entre a obtenção dos títulos e o ingresso na universidade. Mesmo estas, enquanto afastadas do espaço acadêmico como discentes, seguiram produzindo e apresentando trabalhos.

Nota-se também que o acesso à recursos como auxílio permanência ou bolsa de pesquisa foi presente em todas as etapas de formação apenas para duas delas, as outras cinco acessaram na graduação, no mestrado ou no doutorado ou em no máximo duas dessas etapas de formação. Aquelas com acesso em todas as etapas apresentaram percursos formativos muito semelhante as demais no que se refere ao tempo levado para tornarem-se aptas à docência, portanto o acesso a bolsa pode ser compreendido como um recurso necessário para a formação padrão.

A proficiência em língua inglesa e espanhol aparece em todos os currículos afirmando que leem bem, escrevem bem e que podem compreender bem ou

razoavelmente. Também aparecem idiomas como francês, onde leem e escrevem bem ou razoável e compreendem razoavelmente bem. Há ainda a presença de razoável leitura e compreensão do alemão e boa leitura, escrita e compreensão de Libras. Apenas duas não possuem experiência no exterior, as demais passaram por universidades dos Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Portugal e México.

Os currículos destacam também a presença delas em cargos de liderança tanto na gestão da própria universidade, do curso em que lecionam ou do Núcleo de Estudos Africanos e Afro Brasileiro da universidade (Neab).

Todas apresentam relevante produção de artigos em suas áreas de pesquisa, além de apresentação dos trabalhos em diversas atividades acadêmicas, o que alinhado as suas participações em bancas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bancas de qualificação e defesa de mestrado e doutorado, apontam que buscam acumular capital universitário e se movimentar nesse campo, o que contribui para a manutenção, ampliação e permanência do prestígio conquistado.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Paula Cristina da Silva, RIOS, Flávia, NEVES, Paulo Sérgio da Costa e SANTOS, Dyane Brito Reis. A produção das ciências sociais sobre as relações raciais no Brasil entre 2012 e 2019. São Paulo. 2021.
- HEILBORN, Maria Luiza, Araújo, Leila, Barreto, Andreia (Org.) Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.
- BIROLI, F.; QUINTELA, D. F. Divisão sexual do trabalho, separação e hierarquização. Brasília. 2020.
- BOLTANSKI, Luc, L'espace positionnel : multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe. Revue française de sociologie. França.2018.
- BOURDIEU, Pierre. Homo Acadêmicus. Santa Catarina. 1992, UFSC, p. 115;
- BOURDIEU, Pierre. O Ofício de Sociólogo. Petrópolis. 2010, p. 24;
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital. Paris. 1979, p.2 e 3;
- BRASIL, Resumo técnico do Censo da Educação Superior. 2022. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-censo-da-educacao-superior-2022>
- BRASIL, IBGE. 2022. Disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>.
- CAMPOS, Luiz Augusto. Dossiê - desafios analíticos da sociologia do racismo no brasil. Tempo Social. São Paulo. 2024, p. 19;
- OLIVEIRA, Regimeire Maciel. A questão racial na Universidade Federal do ABC: um debate apoiado nos concursos docentes. Contemporânea, 2020. p. 1334.

OBSERVATÓRIO da Branquitude. Disponível em <https://observatoriobranquitude.com.br/pesquisa-o-retrato-das-diferenças-no-acesso-a-escolaridade-entre-mulheres-negras-e-brancas/>.

RIOS, Flávia Mateus. Raça e cor no Brasil contemporâneo, oportunismo político e tendência histórica. *Revista de Antropologia*. São Paulo. 2014, p. 193;

SANTOS, Jaqueline, CARNEIRO Suelaine. Enfrentar o Racismo e o sexismo para a reconstrução da política educacional em uma perspectiva interseccional: a proposta das mulheres negras. *Educação e Sociedade*. Campinas. 2024.p. 3;

SANTOS ES, GOMES NL, SILVA GM, BARROSA RCS. Racismo institucional e contratação de docentes nas universidades federais brasileiras. *Educação e Sociedade*. Campinas. 2021, p. 11.

WACQUANT, Loic, Poder simbólico e fabricação de grupos: Como Bourdieu reformula a questão das classes, *Journal of Classical Sociology*. Paris. 2013, p.88 e 89.

Recebido em maio de 2025.
Aprovado em junho de 2025.